

Soberbo, o roliço Buck Mulligan veio do cimo das escadas, trazendo uma bacia com espuma de sabão sobre a qual um espelho e uma navalha se cruzavam. Um roupão amarelo, descingido, era gentilmente sustido detrás pela suave brisa matinal. Elevou a bacia e entoou:

— *Introibo ad altare Dei.*

Deteve-se, perscrutou o fundo da escura escada em caracol e chamou com rudeza:

— Suba, Kinch. Suba, seu medroso jesuíta.

Solenemente avançou e subiu à plataforma de tiro redonda. Fez meia-volta e abençoou gravemente três vezes a torre, o campo circundante e as montanhas que despertavam. Então, ao reparar em Stephen Dedalus, inclinou-se para ele e traçou rápidas cruces no ar, gorgolejando na garganta e meneando a cabeça. Stephen Dedalus, desagradado e sonolento, apoiou os braços no cimo do corrimão e olhou friamente a cara meneadora e gorgolejante que o abençoava, equina no comprimento, e o cabelo claro sem tonsura, veiado e matizado como carvalho pálido.

Buck Mulligan espreitou um instante por baixo do espelho e cobriu lesto a bacia.

— À caserna, volver! — disse severamente.

Acrescentou em tom de pregador:

— Pois isto, ó bem-amados, é a genuína Cristina: corpo e alma e sangue e chagas. Música lenta, por favor. Fechai os vossos olhos, cavaleiros. Um momento. Um pequeno problema com estes glóbulos brancos. Silêncio, todos.

Perscrutou de lado as alturas e lançou um longo e grave assobio de chamada, depois fez um instante de pausa em atenção extática, os dentes brancos regulares brilhando aqui e ali pontilhados de oiro. Crisóstomo. Dois assobios fortes e estridentes responderam através da calma.

— Obrigado, meu velho — exclamou com vivacidade. — Assim está ótimo. Desligue a corrente, está bem?

Saltou da plataforma de tiro e olhou gravemente para o seu observador, arrepanhando em volta das pernas as abas soltas do roupão. A cara roliça e sombreada, a queixada carrancuda e oval lembravam um prelado, patrono das artes na época medieval. Um sorriso prazenteiro despontou-lhe discretamente nos lábios.

— A piada disso — disse jovial. — Esse seu nome absurdo, um grego antigo!

Apontou o dedo num gesto amistoso e dirigiu-se ao parapeito, rindo consigo mesmo. Stephen Dedalus subiu, seguiu-o acabrunhado até meio caminho e sentou-se na borda da plataforma de tiro, olhando-o em silêncio enquanto ele apoiava o espelho no parapeito, mergulhava o pincel na bacia e ensaboava faces e pescoço.

A voz divertida de Buck Mulligan prosseguiu.

— O meu nome também é absurdo: Malachi Mulligan, dois dácilios. Mas soa helénico, não soa? Saltitante e solar como o gamo em si. Temos de ir a Atenas. Você vem se eu conseguir que a tia largue vinte libras?

Pôs de lado o pincel e, rindo com gosto, exclamou:

— Será que ele vem? O jejuado jesuíta.

Cessando, começou a barbear-se com cuidado.

— Diga-me, Mulligan — disse Stephen calmamente.

— Sim, querido?

— Quanto tempo vai ficar Haines nesta torre?

Buck Mulligan exibiu uma face barbeada por cima do ombro direito.

— Meu Deus, não é terrível? — disse com franqueza. — Um saxão ponderoso. Acha que você não é um cavalheiro. Meu Deus, estes malditos ingleses. A rebentarem de dinheiro e indigestão. Lá porque vem de Oxford. Sabe, Dedalus, você tem o verdadeiro estilo de Oxford. Ele não pode compreendê-lo. Oh, o nome que arranjei para si é o melhor: Kinch, lâmina-de-faca.

Barbeou cautelosamente o queixo.

— Ele passou a noite inteira a delirar com uma pantera negra — disse Stephen. — Onde está o estojo da arma dele?

— Um lunático desgraçado — disse Mulligan. — Você ficou com cagufa?

— Fiquei — disse Stephen com energia e medo crescente. — Aqui no escuro com um sujeito que não conheço, a delirar e a gemer que dava um tiro numa pantera negra. Você salvou tipos de se afogarem. Mas eu não sou herói. Se ele fica aqui eu vou-me embora.

Buck Mulligan franziu a testa para a espuma na lâmina da navalha. Saltou do seu poleiro e começou a rebuscar sofregamente nos bolsos das calças.

— Trampa! — gritou grosseiramente.

Foi até à plataforma de tiro e, metendo uma mão no bolso superior de Stephen, disse:

— Concedei-nos o empréstimo do vosso moncoso para limpar a minha navalha.

Stephen consentiu que ele retirasse e exibisse seguro por uma ponta um lenço de assoar sujo e amarrotado. Buck Mulligan limpou a lâmina da navalha meticulosamente. Depois, fitando o lenço, disse:

— O moncoso do bardo. Uma nova cor artística para os nossos poetas irlandeses: verde-ranho. Quase que se pode saboreá-lo, não pode?

Subiu outra vez para o parapeito e contemplou dali a baía de Dublin, o seu louro cabelo carvalho-pálido agitando-se ao de leve.

— Meu Deus — disse calmamente. — Não é o mar como Algy lhe chama: uma cínzea e doce mãe? O mar verde-ranho. O mar escroto-constritor. *Epi oinopa ponton*. Ah, Dedalus, os gregos! Tenho de lhe ensinar. Tem de os ler no original. *Thalatta! Thalatta!* É a nossa imensa e doce mãe. Venha cá ver.

Stephen levantou-se e dirigiu-se ao parapeito. Apoiando-se nele olhou em baixo a água e o barco-correio saindo a boca do porto de Kingstown.

— Nossa mãe poderosa — disse Buck Mulligan.

Desviou abruptamente os grandes olhos inquisitivos do mar para a cara de Stephen.

— A tia acha que você matou a sua mãe — disse ele. — É por isso que ela não quer que eu me dê consigo.

— Alguém a matou — disse Stephen lugubrememente.

— Você podia ter-se ajoelhado, que diabo, Kinch, quando a sua mãe moribunda lhe pediu — disse Buck Mulligan. — Eu sou tão hiperbóreo quanto você. Mas pensar na sua mãe a suplicar no último suspiro para você se ajoelhar e rezar por ela. E você recusou. Há qualquer coisa de sinistro em si...

Interrompeu-se e voltou a ensaboar ligeiramente a outra face. Um sorriso tolerante arqueou-lhe os lábios.

— Mas um pantomineiro encantador — murmurou para si. — Kinch, o mais encantador dos pantomineiros.

Barbeou-se por igual e com cuidado, em silêncio, seriamente.

Stephen, um cotovelo pousado no granito rugoso, apoiou a palma da mão na testa e contemplou a borda puída da manga preta e lustrosa do